

## **Problematizando identidades de gênero e sexualidade a partir de narrativas de uma professora de línguas**

*Camila dos Passos Araujo Capparelli<sup>1</sup>*

*Hélvio Frank de Oliveira<sup>2</sup>*

*Juliane Prestes Meotti<sup>3</sup>*

*José Elias Pinheiro Neto<sup>4</sup>*

**Resumo:** Neste texto, buscamos problematizar questões relativas às identidades de gênero e sexualidade, a partir da interpretação das narrativas de Bete, uma professora que se identifica como homossexual e ministra aulas de língua portuguesa e espanhola para alunos/as do ensino fundamental e médio da rede pública, no interior do estado de Goiás. O material empírico que informa este estudo foi gerado a partir da interlocução da participante com a autora deste texto, que possuía um roteiro semiestruturado de perguntas motivadoras à experiência de vida contada. Para a problematização, apoiamos na perspectiva crítica da Linguística Aplicada, área de conhecimento que, em função do seu caráter inter/transdisciplinar, interage com outras relevantes à discussão sobre questões de gênero e sexualidade. Nossas reflexões evidenciam a presença de concepções essencialistas e aprisionadas (MOITA LOPES, 2016) acerca de gênero e sexualidade, em diferentes âmbitos da sociedade, inclusive na sala de aula. Esses sentidos incidem sobre a criação e manutenção de estereótipos e preconceitos que produzem sofrimento humano e invalidam determinados modos de ser, de conhecer e de pensar o/no mundo. Urge, então, incitar a leitura/escuta social de narrativas, enquanto alternativa de se fazer Linguística Aplicada, para trazer à tona o debate sobre aspectos heterogêneos das identidades humanas em contextos situados, na tentativa de promover a equidade e a cidadania daqueles/las que não se identificam com a inteligibilidade cultural das normas de gênero (BUTLER, 2017; BENTO, 2010).

**Palavras-chave:** Identidade homossexual, narrativas, educação linguística.

---

<sup>1</sup> Aluna regular do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* (mestrado) em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Cora Coralina. Graduada em Letras Português/Inglês e suas respectivas Literaturas (2017) pela mesma instituição e câmpus. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). Contato: [camila.capparelli@hotmail.com](mailto:camila.capparelli@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, com estágio pós-doutoral em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília, e professor dos Programas de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (Goiás) e em Educação, Linguagem e Tecnologias (Anápolis) da Universidade Estadual de Goiás. Partici-

pante do Grupo de Pesquisa “Perspectivas linguísticas contemporâneas sobre identidade, subjetividade e conhecimento”, regularmente cadastrado no DGP/CNPq. Contato: [helviofrank@hotmail.com](mailto:helviofrank@hotmail.com)

3 Aluna regular do programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* (mestrado) em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT), pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas. Especialista em Linguagens e Educação Escolar (2017) pela mesma instituição e Câmpus. Graduada em Letras Português/Inglês e suas respectivas Licenciaturas pela Faculdade Anhanguera de Anápolis. Bolsista CAPES/BRASIL. Contato: [julianemeotti@hotmail.com](mailto:julianemeotti@hotmail.com)

4 Doutor em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) e Professor do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (UEG/POSLLI). Contato: [jose.pineiro@ueg.br](mailto:jose.pineiro@ueg.br)

## **Introdução**

A pós-modernidade, ou a modernidade tardia, cujo limiar corresponde à segunda metade do século passado, trouxe consigo mudanças consideráveis acerca da compreensão de sujeito e de suas relações sociais. Com isso, a definição homogênea e coerente das identidades precisou ser repensada, uma vez que a globalização, com seus efeitos, produziu lógicas pluralizadas e complexas, tanto para as identidades quanto para as relações sociais. Nesse contexto, o pós-estruturalismo atribuiu à linguagem o papel central na captação de sentidos existentes nas práticas sociais, das quais fazem parte os atravessamentos identitários sob o fluxo da linguagem. Dessas conexões, as narrativas, com seu emblema discursivo, têm funcionado como componente fundamental ao rastreamento de significados linguísticos que constroem identidades no âmbito social.

Sob tal premissa, orientados/as pela perspectiva crítica da linguagem (MOITA LOPES, 2016) e considerando o valor linguístico da narrativa para a construções de identidades (BARCELOS, 2013; CONCEIÇÃO, 2013; CUNHA; OLIVEIRA, 2019; OLIVEIRA, 2016, 2017), buscamos problematizar, por intermédio desse instrumento teórico-metodológico (CLANDININ; CONNELLY, 2011; OLIVEIRA, 2013), as identidades de Bete, uma professora de línguas, que se identifica como homossexual, lésbica, e ministra aulas de língua portuguesa e espanhola para jovens e adolescentes de ensino fundamental e médio da rede pública do estado de Goiás. Assim, nas próximas seções, discutimos questões de gênero e sexualidade como foco de educação lin-

guística crítica, para, em seguida, apresentarmos as bases teórico-metodológicas para interpretação de identidades a partir de narrativas, incluindo características primordiais da linguagem presentes nessas histórias de vida. Por fim, trazemos uma interpretação das narrativas da participante deste estudo, enfocando perspectivas de linguagem e identidades vinculadas às questões sociais de gênero e sexualidade.

### **Questões de gênero e sexualidade como foco de educação linguística crítica**

Fizemos opção pela Linguística Aplicada, em sua vertente crítica, como suporte teórico deste trabalho, para problematizar os discursos que constroem narrativamente as identidades da participante Bete. Estamos cientes, pois, do compromisso atual e urgente da linguagem ao se debruçar em problemas de relevância social que envolvam aspectos de identidade e diferença, no sentido de dar tom a essas questões socioculturais que, porventura, possam causar sofrimento humano (ROJO, 2006), com vistas à promoção de vozes a narrar as mais diversas formas de opressão e dor, entre outras verdades contingentes e insurgentes (MOITA LOPES, 2009).

A despeito do ranço colonial-moderno presente nas práticas escolares e nas atitudes docentes, precisamos continuar a investir em problematizações daquilo que está posto como argumento coerente e único. A leveza de pensamento (ROJO, 2006) é conferida, aqui, ao enfocarmos questões transdisciplinares envolvendo relações de gênero e sexualidade sob a necessidade de se contar sobre as privações sofridas por Bete ao longo de sua existência. Nesse sentido, é inegável não acessar os atravessamentos epistêmicos modernos, tradicionais, conservadores e fundamentalistas presentes na sociedade brasileira, os quais tentam negar e silenciar pessoas cujas identidades destoam do padrão esperado. Com isso, certamente tentamos romper “com a ilusão de universalidade que exclui” (RIBEIRO, 2018, p. 78). Tudo isso, entretanto, implica numa postura docente engajada e política frente às questões postas.

O fazer linguístico aplicado implica numa ação social de educação linguística. Para nós, essa postura se constrói na dimensão de ensino/aprendizagem de línguas que, além da língua, também se pauta por investimento pedagógico emancipador na (re)significação de práticas dis-

cursivas sobre questões que envolvam diversidade com o intuito de construir relações sociais mais éticas, justas e igualitárias, em que as diferenças sejam reconhecidas e legitimadas.

No contexto em que se emergem – e a todo momento se transformam – identidades heterogêneas, espera-se uma ação docente problematizadora, porque sempre há o/a representante hegemônico/a, que travestido/a de uma compaixão alheia, deseja o lugar de fala para servir à representação de outrem. Apesar de sempre representar a periferia, o fato é que nunca se fala dessa perspectiva propriamente dita, porque o/a privilegiado/a em contar serve a interesses exclusivamente particulares (RIBEIRO, 2017). Não se trata de falar no lugar do/a oprimido/a, significa ouvi-lo/a. Para isso, é preciso promoção de vozes, de sua condição de fala, para que, em si mesmo/a, se represente.

A irrupção e a insurgência das narrativas deste estudo correspondem ao fato de que docentes e discentes precisam ser ouvidos/as, a fim de que se possa criar, conforme salienta Fabrício (2016, p. 52), a “possibilidade de surgimento de novas formas de percepção e de organização da experiência não comprometidas com lógicas e sentidos históricos viciados”. As narrativas instigam o autoconhecimento mútuo, tanto do/a pesquisador/a, quanto do/a pesquisado/a, vislumbrando reflexões que possam auxiliar num entendimento menos generalizante da vida social. Para tanto, é preciso operar com uma visão de sujeito descentrada, composta de várias identidades que se delineiam na interação (HALL, 2015). Logo, a pós-modernidade constitui-se como um território de incertezas, cuja indefinição de fronteiras disciplinares permite a inovação cotidiana do conhecimento.

Se nos constituímos cidadãos/ãs complexos/as e heterogêneos/as (PENNYCOOK, 2001), se o/a linguista aplicado/a preocupa-se com problemas relacionados à linguagem na vida real e se a linguagem está na base de toda atividade humana (CELANI, 2017), nada mais justo do que considerar as “vidas marginalizadas do ponto de vista dos atravessamentos identitários de classe social, raça, etnia, gênero, sexualidade, nacionalidade” (MOITA LOPES, 2016, p. 25). É isso que buscaremos fazer.

Para tanto, teremos em nossas discussões a compreensão de gênero como efeito performaticamente produzido, em consonância com Butler (1988, 1993, 2017), para quem “o gênero é uma identidade tenuamente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma

*repetição estilizada de atos*” (2017, p. 242, grifos no original). Portanto, aquilo que é identificado como masculino ou feminino não advém de nenhum atributo natural/biológico/essencial, faz parte de uma série de atos instituídos e repetidos de maneira cotidiana. Logo, “são nas performances de gênero que as identidades homem e mulher são (re)produzidas e podem ser alteradas” (URZÊDA-FREITAS 2018, p. 40).

## **Bases para interpretação de identidades a partir de narrativas**

Partindo da consideração de que as identidades são de difícil conceituação no campo das ciências sociais e humanas, por conta do seu vasto campo de abrangência e de suas múltiplas visões, que, por vezes, são diferentes e até mesmo contraditórias, nosso percurso de análise permeará as ponderações de Hall (2009), para quem a noção de identidades, no plural, é refratária ao paradigma da modernidade, uma vez que a ideia de sujeito estável, dotado de razão e arraigado em concepções essencialistas e binárias é bastante questionada.

O conceito de identidades que buscamos reiterar se complexifica no contexto de globalização, responsável pelos novos modos de vida e novos rumos tomados pelos sentidos dessas práticas sociais. Para Hall (2015, p. 12), a conjuntura social possibilita o “próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais”. Assim, corroborando o pensamento do autor, nosso conceito de identidades se baliza pelas características provisórias, variáveis, problemáticas e contraditórias das identidades.

Além da acepção proveniente de estudos culturais, pautaremos pela noção de identidades abarcada pela Linguística Aplicada crítica, que tem o discurso como construtor de identidades (MOITA LOPES, 2003). Diante dessas adesões, a participante Bete passa a ter suas identidades interpretadas em meio às narrativas por ela contadas, sob condições enunciativas de produção que se abastecem do caráter discursivo-pragmático, posicional e performativizado, considerando o contexto de sua geração enquanto material empírico: o ato de comunicação/interlocução com a entrevistadora, estudante de mestrado. É por essa lente que a interpretação das identidades se dará, o que significa que a narradora participante se compõe não de uma, mas de várias identida-

des (HALL, 2015) negociadas durante a interação da entrevista realizada com a autora deste artigo.

Como mencionamos, o fio discursivo é igualmente relevante na constituição dos sentidos apurados em narrativas. O discurso, em nossa análise, é determinante para compreendermos as dimensões enunciativas existentes nas condições de sua produção, recepção, bem como a própria narradora, que o produz. Moita Lopes (2016) lembra que, apesar de a identidade estar em crise<sup>1</sup>, os discursos modernistas e coloniais ainda circulam em nossas práticas sociais. Desse modo, manifestações da colonialidade podem ser verificadas, por exemplo, nas dimensões sexual e de gênero, visto que essas privilegiam, respectivamente, os/as heterossexuais em relação aos/às homossexuais, bem como aos homens em relação às mulheres (PESSOA; HOELZLE, 2017).

Estudos que problematizam desigualdades de gênero em âmbitos distintos são, pois, exemplos de como uma visão discursiva e crítica (PENNYCOOK, 2016) pode colocar em xeque constructos históricos que atuam como mecanismos que regulam e determinam os papéis desempenhados por homens e mulheres em sociedade. Em face disso, o discurso não se apresenta apenas como uma manifestação ideológica em linguagem, mas, principalmente, como forma de ação social, em que as pessoas são capazes de agir sobre o mundo e especialmente sobre as outras (FAIRCLOUGH, 2016).

## **Natureza e concepções de linguagem em narrativas**

Concordamos com Moita Lopes (2016, p. 31) sobre a importância de todo/a linguista aplicado/a valorizar os/as participantes de pesquisa na construção de conhecimento, uma vez que se torna “inadequado construir teorias sem considerar as vozes daqueles que vivem as práticas sociais que queremos estudar”. Uma forma bastante evocada no âmbito das ciências humanas e sociais tem sido a opção por pesquisas narrativas, que, de acordo com Clandinin e Connely (2011),

---

<sup>1</sup> Para Hall (2015), a crise da identidade é provocada por mudanças globais que desestabilizaram os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

definem-se como uma forma de compreensão da experiência do/a outro/a, a partir de um acordo estabelecido entre o/a pesquisador/a e aquele/a que colabora com a pesquisa.

Segundo Paiva (2008), as narrativas circulam em textos orais, escritos e visuais e têm sido amplamente investigadas na área de Linguística Aplicada, na medida em que abrem “espaços para ouvir outras vozes que possam revigorar nossa vida social ou vê-la compreendida por outras histórias” (MOITA LOPES, 2016, p. 23). Assim, as ‘verdades’ construídas a partir das narrativas contribuem para pensarmos acerca dos sentidos culturais que são sempre investidos de linguagem, pautados em comportamentos sociais, tais como a repetição, a concentração de foco etc.

Existem muitas pesquisas que se autodenominam narrativas pelo fazer teórico e/ou metodológico que demonstram em seus procedimentos de análise. Na Linguística Aplicada, entretanto, as narrativas, consideradas as interfaces entre áreas de conhecimento, têm sempre se amparado na lógica social e discursiva da linguagem para se examinar identidades (OLIVEIRA, 2013, 2016, 2017). Assim sendo, perscrutamos dois enfoques procedimentais que se mostram bastante produtivos: 1) o conjunto de representações sociais/crenças (BARCELOS, 2013; CONCEIÇÃO, 2013; OLIVEIRA, 2013) a construir identidades e; 2) os discursos a construir identidades (MOITA LOPES, 2003).

Nossas reflexões atravessarão os dois escopos, porque não estamos preocupados/as com o objeto relacionável às identidades, estamos interessados/as no conteúdo do exame. A proposta de problematização narrativa se deterá apenas à materialização do discurso escrito, portanto, ao enunciado narrativo. Na concepção de Austin (1990), a função dos enunciados não é constativa, mas exclusivamente performativa. Ou seja, eles servem para fazer algo, para realizar uma ação no mundo social no momento em que são ditos ou escritos.

Afiliamo-nos às narrativas como performance (MOITA LOPES, 2010), porque elas dizem respeito às construções discursivas das quais emanam sentidos que recaem sobre os corpos das pessoas, como uma forma de representação da realidade vista/vivida, sob a perspectiva de quem efetivamente a vive. Toda essa conjunção, portanto, produz sentido para as ações realizadas e, por conseguinte, atua na construção das identidades.

[A] narrativa vista sob a perspectiva da performance ressalta seu caráter reflexivo, o que possibilita que o ato de contar uma história funcione como uma ferramenta para análise de significados culturais da nossa sociedade. Este tipo de reflexão nos permite, por exemplo, perceber quais histórias valem a pena ser contadas, repetidas e quais são silenciadas. (SILVA, 2011, p. 57).

Assim, a compreensão da narrativa, bem como de linguagem enquanto performance é condizente com a ideia de que não existem identidades prontas e acabadas, pelo contrário, nossas identidades são ambíguas e contraditórias, forjadas a partir da repetição de enunciados performativos que dão a ilusão de normatização. “Quando adotamos a perspectiva austiniana de que todo enunciado é performativo, começamos a pensar na língua como performance, ou seja, como um produto de atos performativos” (SILVA, 2011, p. 49).

## **Uma interpretação narrativa com foco nas identidades de gênero e sexualidade**

Bete<sup>2</sup> é uma professora de vinte e nove anos, que se reconhece como lésbica e que, voluntariamente, se dispôs a falar sobre sua história de vida em forma de narrativa escrita, ciente, é claro, do propósito acadêmico com a geração dos dados. Ressaltamos que, além das atividades profissionais, Bete também é aluna de um curso de pós-graduação, nível *stricto sensu*, onde se prepara para a docência universitária.

Ela conta que, apesar de manter uma relação estável com sua atual companheira há mais de sete anos, essa convivência não foi um processo simples, devido à relação conflitante com o gênero e a sexualidade que a acompanhou desde a infância:

[1] eu sempre tive dificuldades de envolvimento com brinquedos e situações entendidas como exclusivamente de meninas: bonecas, maquiagens, colorir as unhas, passar batom, usar salto, vestidos, etc; além de não expressar interesse por meninos [...] Lembro-me claramente que eu gostava de brincar com carrinhos, em especial sozinha, pois minhas

---

<sup>2</sup> Por questões éticas, foi solicitado que a participante assinasse um termo de consentimento livre e esclarecido acerca dos procedimentos envolvidos na pesquisa, bem como escolhesse um pseudônimo a fim de preservar sua identidade.



colegas sempre estavam ocupadas com as bonecas. Detalhe: (Meu sonho era ter um vídeo game, mas só consegui quando eu já era adolescente). O mais interessante era que minha mãe, sempre quando possível, comprava os brinquedos dos quais eu gostava, mas recebia críticas de algumas pessoas próximas, pois eu era uma garota e não podia ter brinquedos de “meninos”.

Quando criança, Bete conviveu com a forte presença de estereótipos relacionados às performances de gênero. De acordo com Ribeiro (2018, p. 56), essas caracterizações “são generalizações impostas a grupos sociais específicos, geralmente aqueles oprimidos”. Justamente por não se identificar com objetos culturalmente atrelados ao universo feminino (bonecas, maquiagens, esmalte, batom, salto, vestidos, entre outros), ela teve dificuldades na socialização com outras crianças do mesmo gênero que ela, preferindo, em muitos momentos, o isolamento. A regulação social de comportamentos pode ser compreendida como um dos atos estilizados que (re)produzem as performances de gêneros. Por consequência, a identidade *queer*<sup>3</sup> de Bete é abdicada em favor da inteligibilidade social que estabelece uma relação de coerência e continuidade entre sexo biológico, performances de gênero e sexualidade.

Apesar de a mãe de Bete, inicialmente, não ter tido problemas em lhe comprar carrinhos, a propagação dos estereótipos ocorria na mobilização discursiva dos léxicos ‘algumas pessoas próximas’, que, por sua vez, consideravam que ‘uma garota não podia ter brinquedos de “meninos”’. Nessa mobilização narrativa, a noção de performance é crucial para compreender como os discursos estão atravessados por crenças que se convencionam na materialização de enunciados performativos. Nesse caso, ‘as pessoas próximas’, além de conceberem o gênero como interpretação cultural de um corpo sexuado, reiteram sentidos anteriores para tal interpretação, impondo, dessa forma, normas inteligíveis de gênero que incidem sobre os corpos dos sujeitos.

Em uma sociedade marcada pelo machismo, negar a uma menina a possibilidade de brincar com carrinhos é uma forma de manutenção das relações desiguais de poder que pode refletir na vida adulta, se considerarmos, por exemplo, que no imaginário social as mulheres costumam ser tratadas como motoristas inferiores<sup>4</sup>, ao passo que carros são tidos como objetos de interesse

---

<sup>3</sup> Assim como Louro (2008), compreendemos como identidade *queer*, sujeitos e vivências que destoam dos padrões de gênero e/ou de sexualidade impostos pela cultura heteronormativa.

<sup>4</sup> Barbosa e Reis (2018, p. 4) ressaltam que “[a] incidência de piadas que circulam dentre nós e que focalizam a “mulher ruim de volante” é imensa e acaba por criar fatos que performativamente entendemos como naturalmente verda-

exclusivamente masculino. Soma-se a isso o fato de que tais crenças passam a ser naturalizadas e reiteradas em forma de “ensinamentos”, conforme vimos na experiência de Bete.

Mesmo considerando essas implicações, a concepção de performance pode ter efeito antagônico, haja vista a possibilidade de (re)criação de sentidos sobre os discursos que afetam o sujeito. Ainda que Bete tenha vivido em um ambiente que reprimia a afirmação de sua identidade sexual, ela relata não ter se apropriado de tais sentidos:

[2] posso afirmar que no panorama atual da minha vida, sou muito bem resolvida, me entendo como lésbica e não sinto nenhum constrangimento perante meus alunos, colegas e familiares em falar sobre minha sexualidade, pelo contrário, acredito que é um assunto que precisa ser discutido, tratado com respeito e atenção, pois trata-se de pessoas comuns que desejam reconhecimento, visibilidade, voz e respeito.

O tom posicional na narrativa de Bete nos faz compreender que as performances linguísticas e identitárias não só repetem sentidos anteriores sobre questões diversas, como também criam novos efeitos para elas (URZÊDA-FREITAS, 2018). Em contrapartida, um dos argumentos utilizados por Bete para justificar a importância do debate acerca das identidades sexuais é considerar que os/as homossexuais são pessoas comuns. Sua alegação só tem sentido em relação a uma cadeia de significações que são mobilizadas ao considerar aquilo que é incomum. Isso torna visível o regime discursivo que estabelece limites e fronteiras entre as identidades sexuais simbolicamente inteligíveis e as abjetas.

Bete, ao afirmar a sua identidade sexual e ressaltar o desejo por ‘reconhecimento, visibilidade, voz e respeito’ materializa a realidade a qual julga descrever. Compreendemos que a performatividade da linguagem se dá nos efeitos causados pela sua enunciação que, no caso, provoca a materialização do reconhecimento, da visibilidade, da voz e do respeito situado em uma prática social particular. Além disso, ela declara não sentir constrangimento em falar sobre sexualidade com seus alunos e alunas, colegas e familiares, uma vez que se considera ‘alguém muito bem resolvida’. Sobre situações de preconceito, Bete conta que, enquanto aluna de mestrado, passou por uma situação constrangedora durante o período em que cursava uma disciplina:

---

deiros”. Acreditamos que essa concepção possa ter relação com o fato de as meninas serem privadas, desde criança, de brincarem com carrinhos.

[3] partiu de uma professora muito conservadora e religiosa. Estávamos assistindo a aula, e em determinada situação, houve uma discussão sobre sexualidade, ela, o mais rápido possível, começou a impor seus valores e princípios religiosos, afirmando não existir neutralidade, ou seja, ou você é contra ou a favor dos homossexuais. Disse assim olhando para mim: “eu decidi seguir a palavra de Deus, a verdade”, ou seja, não sou neutra, não aceito. Portanto, na ocasião eu entendi seu posicionamento preconceituoso perante a discussão, além de ter lançado um olhar repreendedor na minha direção, como se estivesse direcionando a fala para mim, em especial.

O relato apresentado evidencia pontos de fusão entre posicionamento narrativo, caracterizado pelo ato de narrar para se afirmar enquanto lésbica, e posicionamento enunciativo, por sua vez, legitimado pelas condições de produção do ato que efetivamente ocorreu, com a descrição das manobras de interação desempenhadas pelos personagens da narrativa no momento de interação e em posicionamento conforme a leitura das identidades alheias ali ocorrendo. Envolve nesse último aspecto o fluxo de algo que passa a ser recontado pela participante, ou seja, uma história ocorrida, mas que agora é descrita por acontecimentos e personagens atuando sob a versão de um/a narrador/a.

Quanto ao conteúdo narrativo, é possível observar que, mesmo no âmbito acadêmico, que deveria ser um espaço propício ao diálogo entre saberes e a promoção da diversidade epistemológica, Bete não está imune à presença de comentários que ferem sua existência. Isso ocorreu porque, apoiada na formação discursiva religiosa, a professora universitária – personagem de sua narrativa – é uma interlocutora que, no momento da interação, não hesita em ‘impor seus valores e princípios’ durante as aulas, valendo-se, inclusive, de posicionamentos identitários para demarcar sua diferença enquanto interlocutora. O problema aqui se reserva ao posicionamento da professora personagem na história de nossa participante, configurando-se como uma postura intransigente e preconceituosa: “ou você é contra ou a favor dos homossexuais”. Ademais, o argumento da suposta “não neutralidade”, bem como o olhar repreendedor, que linguisticamente sinaliza descontento à orientação sexual da aluna, é usado como alicerce na tentativa de segregar as identidades de gênero de Bete.

Em contextos profissionais, quando questionada ou mesmo confrontada com possíveis episódios constrangedores por alunos/as, Bete descreve a seguinte situação:

[4] No ano de 2015, em uma turma do 2º ano do Ensino Médio, do turno noturno, tive um pequeno impasse com um aluno. Ao tomar conhecimento da minha sexualidade, ele começou a me “desafiar” dentro da sala de aula, usava palavras provocativas, termos como: sapatão, caminhoneira, entre outros. Ou seja, tudo que se relacionava ao grupo LGBT, ele fazia questão de enfatizar, além de causar desconfortos aos colegas. Me segui durante algumas situações na esperança de que ele se cansasse, mas a situação ficou insustentável, então decidi chamar ele para uma conversa particular na sala dos professores. Questionei sobre seu comportamento, se eu havia sido inconveniente em algum momento com ele, se a minha conduta pessoal estava afetando a aprendizagem dele, dentre outras coisas, (numa boa, amistosamente), no final ele me pediu desculpas e tudo ficou resolvido. Detalhe: (Hoje ele vai até onde eu estou, seja em qualquer lugar só para me cumprimentar).

O episódio citado revela que, ao tomar conhecimento sobre a sexualidade da professora, o aluno começa a provocá-la usando termos pejorativos, tais como sapatão e caminhoneira, tentando, dessa forma, desestabilizar Bete perante os colegas em sala de aula: ‘tudo que se relacionava ao grupo LGBT, ele fazia questão de enfatizar, além de causar desconforto aos colegas’. Esgotada com a situação, Bete resolve, então, chamá-lo para uma conversa individual na sala das/os professoras/es, o que parece ter surtido efeito positivo, já que ‘no final ele pediu desculpas e tudo ficou resolvido’.

Destacamos o fato de as interpelações em torno do gênero e sexualidade de Bete serem promovidas por alguém que está situado socialmente como pertencente ao sexo masculino e que, portanto, desfruta de um locus privilegiado de enunciação em uma sociedade patriarcal e heteronormativa, fruto de nossa história de colonização. Como participante do grupo majoritariamente beneficiado e amparado pela masculinidade hegemônica, é comum a necessidade de acumular símbolos culturais que (re)produzem sua hegemonia, tal como o controle sobre sujeitos e corpos femininos, repúdio às sexualidades não heteronormativas e o discurso opressor perante as questões que fogem à normatividade do gênero.

Chamamos atenção ainda para a atitude problematizadora de Bete, na condição de professora, que, ao perceber que as provocações do aluno não cessavam, resolveu intervir. Em vez de uma advertência verbal, ou mesmo do silenciamento diante da situação, ela optou pelo diálogo, perguntando, inclusive, ‘se sua conduta pessoal estava afetando a aprendizagem dele’. Como já vimos, as performances linguísticas e identitárias, muitas vezes, recuperam normas de gênero e sexualidade construídas socialmente. Nossos/as alunos/as não estão imunes a essa situação, no

entanto, incitar o pensamento crítico, a partir da desestabilização de práticas discursivas hegemônicas, é um exercício que requer julgamento contextual por parte de professoras/es:

[5] Diante das experiências que tive em sala de aula, acredito no poder do diálogo e respeito, não posso afirmar que as provocações desse ex-aluno foram preconceituosas, atribuo muito mais a falta de conhecimento e curiosidade, do que em tentar me prejudicar no âmbito de sala de aula. Enquanto professora, eu preciso tentar deixar o espaço da sala de aula mais harmônico e humanizado [...] Mas para isso é necessário diálogo e acima de tudo, respeito. Não é um processo rápido, leva tempo, mas é possível. Acredito que é através da educação e conseqüentemente do conhecimento, que vivenciaremos dias melhores. Tive e tenho vários alunos que enfrentam diariamente preconceitos por serem gays, mas sempre procuro incentivá-los a não desistirem de si mesmos, o problema não faz parte do corpo ou da vida deles, mas está no olhar do outro. A falta de compreensão, apoio e respeito, parte primeiramente da família. Então, reitero a importância do papel do professor (a) na formação dos alunos, independente da sexualidade, gênero, raça ou classe social.

A experiência de Bete mostra, entre outras coisas, a urgência acerca do debate de temas concernentes às identidades sexual e de gênero, e de demais questões que se intersectam no âmbito da diversidade, no contexto escolar. As investidas geralmente partem de professores/as com uma adesão pedagógica crítica construída nos bancos de formação inicial ou continuada, em alguns casos são provenientes de estudiosos/as da linguagem com um aprofundamento maior sobre o potencial de construção de sentidos desse objeto em meio às relações no mundo social, ou, numa ocasião muito comum, por pessoas que sentem na pele o estigma, o preconceito e/ou sofrem o julgamento social do corpo estranho (LOURO, 2008).

Afinal, numa sociedade cujo padrão dominante diz respeito às pessoas heteronormativas, brancas e cristãs, não é difícil encontrar jovens e adolescentes com performances discursivas que reiteram em suas práticas cotidianas esse mesmo padrão, dado o caráter cultural da formação das identidades. Curiosamente, a professora, ao não considerar que ‘as provocações desse ex-aluno tenham sido preconceituosas’, atribuiu o fato ‘muito mais à falta de conhecimento e curiosidade’. Conforme aponta Ribeiro (2017), nem sempre os grupos privilegiados se dão conta das opressões que propagam.

Ademais, outro elemento que merece destaque tem a ver com a pluralidade de identidades existentes em uma sala de aula. Bete conta que existem ‘vários alunos que enfrentam diariamente preconceitos por serem gays’ e, em vez de ignorar essa realidade, procura ‘incentivá-los a não de-

sistirem de si mesmos’, mostrando que ‘o problema não faz parte do corpo ou da vida deles, mas está no olhar do outro’. Em outras palavras, a professora não restringe sua preocupação aos conteúdos referentes às disciplinas que ministra, interessando-se, também, pela vida social do aluno, o que certamente reflete no modo como o conhecimento é transmitido e absorvido.

## **Considerações finais**

Nossa intenção ao promover as narrativas de Bete é “falar de questões que foram historicamente tidas como inferiores” (RIBEIRO, 2018, p. 78). O epistemicídio promovido pela colonialidade e regularizado pela escola é cruel e assola as relações sociais, a partir das quais as identidades que ali se emergem se apresentam diversas, não se alinhando à condição de promoção exclusiva do falo<sup>5</sup>, da branquitude, da heterossexualidade e dos preceitos cristãos. Nesse sentido, a insurgência e irrupção de narrativas em contextos educacionais pode favorecer um pensamento liminar (MIGNOLO, 2003) sobre questões de gênero e sexualidade ao tensionar sentidos historicamente perpetuados.

A narrativa de Bete evidenciou que, embora discursos preconceituosos sobre gênero e sexualidade ainda persistam em âmbitos sociais diversos, é preciso pensar transgressivamente, com vistas a desestabilizar as “verdades” essencialistas culturalmente construídas, criando novos sentidos sobre elas. Isso ocorre porque a linguagem ocupa um papel paradoxal na constituição das práticas sociais. Afinal, se, por um lado, ela condiciona opressões, servindo de meio para materialização de discursos que legitimam e propagam assimetrias sociais; por outro, ela é a única ferramenta à qual podemos resistir e a partir dela própria tentar transformar. Em razão disso, precisamos continuar ouvindo/lendo histórias, especialmente as histórias das periferias, que nunca vêm ao centro para dizer sobre seus sentidos. Elas importam.

---

<sup>5</sup> Em nosso entendimento, o falo não se refere, necessariamente, ao órgão genital masculino, mas a construção discursiva responsável por manter o *status quo* da superioridade masculina nas relações de poder que permeiam a cultura, as relações sociais e a linguagem e que conseqüentemente subalternizam e deslegitimam outras perspectivas epistêmicas e corporais.

## Referências Bibliográficas

AUSTIN, J. *Quando dizer é fazer*. Tradução Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes médicas, 1990.

BARBOSA, L. A. L.; REIS, F. P. G. “Mulher no volante, perigo constante”: problematizações de gênero e sexualidades a partir de textos humorísticos. In: VII SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, n. 1, 2018, Anais do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade. Rio Grande: FURGS, p. 1-8.

BARCELOS, A. M. F. Desvelando a relação entre crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas, emoções e identidades. In: GERHARDT, A. F. L. M.; AMORIN, M. A.; CARVALHO, A. M. (Org.). *Linguística Aplicada e ensino: língua e literatura*. Campinas: Pontes, 2013. p. 153-186.

BENTO, B. As tecnologias que fazem os gêneros. In: VIII CONGRESSO IBEROAMERICANO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E GÊNERO, n. 1, 2010. Atas do VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero. Curitiba: UTFPR, p. 1-13.

BUTLER, J. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre a fenomenologia e a teoria feminista. *Theatre Journal*, v. 40, n. 4, p. 1-16, 1988.

\_\_\_\_\_. *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*. London: Routledge, 1993.

\_\_\_\_\_. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CELANI, M. A. A. Linguística aplicada e transdisciplinaridade. In: FREIRE, M. M.; BRAUER, K. C. N.; AGUILAR, G. J. (Org.). *Vias para a pesquisa: reflexões e mediações*. São Paulo: Cruzeiro do Sul Educacional, 2017.

CLANDININ, J. D.; CONNELLY, M. F. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. Trad. Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores do ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CONCEIÇÃO, M. P. Teacher's narratives: revealing experiences and conflicting identities. In: FIGUEIREDO, C. J.; MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R. (Org.). *Ensino de línguas na contemporaneidade: práticas de construção de identidades*. Campinas: Pontes, 2013. p. 305-317.

CUNHA, N. M.; OLIVEIRA, H. F. Crise de identidade: questões ideológico-conceituais de gênero. In: VIEIRA, M. S.; BONAFIM, A. (Org.). *Problematizações e debates em língua e literatura*. Curitiba: CRV, 2019. p. 79-86.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de "desaprendizagem": redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. et al. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. São Paulo: Vozes, 2009. p. 103-133.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. São Paulo: Autêntica, 2008.

MIGNOLO, W. D. *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MOITA LOPES, L. P. *Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. *Gagroatá*, Niterói, n. 27, p. 33-50, 2009.

\_\_\_\_\_. *Os espaços da narrativa como construto teórico metodológico na investigação em linguística aplicada*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2010.

\_\_\_\_\_. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: \_\_\_\_\_ (Org.) *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 85-107.

OLIVEIRA, H. F. *Esculpindo a profissão professor: experiências, emoções e cognições na construção das identidades docentes de licenciandos em Letras*. 2013. 305 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

\_\_\_\_\_. tiranias da identidade do professor de LE: crenças, emoções e ações por meio da linguagem. *Letras Escreve*, v. 6, n. 2, p. 13-38, 2016.

\_\_\_\_\_. A bagagem do PIBID para a formação inicial docente e para a construção da identidade profissional. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 56, n. 3, p. 913-934, 2017.

\_\_\_\_\_. *Esculpindo a profissão docente*. Anápolis: Editora UEG, 2017.



PAIVA, V. L. M. A pesquisa narrativa: uma introdução. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* (RBLA). Belo Horizonte, v. 8, n. 2, 2008.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 67-84.

\_\_\_\_\_. *Critical applied linguistics: a critical introduction*. Londres: Routledge, 2001.

PESSOA, R. R; HOELZLE, M. J. Ensino de línguas como palco de política linguística: mobilização de repertórios sobre gênero. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 56, n. 3, p.781-800, 2017.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

\_\_\_\_\_. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROJO, R. Fazer Linguística Aplicada em perspectiva sócio histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística INdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 224-274.

SILVA, T. P. *Performances narrativas de e sobre um professor homoerótico "fora do armário"*. 2011. 195 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

URZÊDA-FREITAS, M. T. *Letramentos queer na formação de professorxs de línguas: complicando e subvertendo identidades no fazer docente*. 2018. 269 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

## **Problematizing gender identities and sexuality from narratives of a language teacher**

**Abstract:** In this paper, we problematize issues related to gender and sexuality identities, based on the interpretation of the narratives of Bete, a teacher who identifies herself as homosexual and teaches Portuguese and Spanish language to students from public elementary and high school in state of Goiás. The empirical material presented was produced from Bete's interview conducted by the first author of this paper, under a semi-structured script, in order to motivate questions about her life experience. For this, we based on critical perspective of Applied Linguistics, an area of knowledge that, due to its inter/transdisciplinary character, interacts with others relevant to the discussion of gender and sexuality issues. Our reflections point to the presence of essentialist and imprisoned conceptions (MOITA LOPES, 2016) on gender and sexuality in different social spaces, including in classroom. These meanings result in the creation and maintenance of stereotypes and prejudices that produce human suffering and invalidate certain ways of being, of knowing and of thinking the/in the world. It is therefore urgent to encourage the social listening of narratives, as an alternative to doing Applied Linguistics, to raise the debate on heterogeneous aspects of human identities in contexts situated, in an attempt to promote equity and citizenship of those who do not identify with the cultural intelligibility of gender norms (BUTLER, 2017; BENTO, 2010).

**Keyword:** Homosexual identity, narratives, language education.